

## Sons e Imagens da Rememoração - Texto para divulgação

Ana Maria Mauad  
Coordenadora do Projeto

*Sons e imagens da rememoração: narrativas e registros das identidades e alteridades afro-brasileira nos séculos XIX e XX*, projeto desenvolvido entre janeiro de 2011 e janeiro de 2013, com o apoio financeiro do edital Universal CNPq - Faixa C, contou com a participação de um conjunto de professores ligados ao Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, dentre os quais: a professora Hebe Mattos, especialista em história da escravidão e da sua memória no pós-abolição, uma das importantes responsáveis pela internacionalização das pesquisas sobre comunidades afrodescendentes no Rio de Janeiro, sua luta pela terra e acesso a cidadania, vem ampliando o papel dos estudos sobre comunidades afro-brasileiras no âmbito da história pública, em parceria com professora Martha Abreu, especialista em história cultural das populações afrodescendentes nas Américas, com ênfase nas manifestações musicais e nas performances da memória – teatro, dança, etc.; professora Mariza Soares especialista em história da diáspora africana nos séculos XVII e XVIII, com ênfase nas práticas e representações religiosas estudadas através das Irmandades, é responsável juntamente com doutoranda Denise Demétrio pelo projeto *Escravidão Africana nos Arquivos Eclesiásticos-EAAE*, que integra uma rede internacional de estudos sobre o tema; o professor e fotógrafo Milton Guran, consultor da UNESCO no projeto “Rotas de Liberdade”, especialista nos estudos sobre o fluxo e refluxo da população africana no Atlântico, com ênfase na análise e produção de fontes fotográficas e orais sobre escravos retornados para a Costa Ocidental da África, onde se estabeleceu a comunidade dos agudás reconhecidos como “brasileiros do Benin”; professor Paulo Knauss, estudioso de história visual e suas relações com a memória histórica. O projeto contou com minha coordenação, professora Ana Maria Mauad, estudiosa dos processos de construção da memória social por meio de palavras e imagens.

Dentre os professores convidados contamos com a participação do professor Fernando Dumas, pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz e estudioso das práticas medicinais tradicionais com destaque para a memória ancestral de cura das populações negras na zona portuária do RJ; Francisco das Chagas Santiago Junior professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e estudioso das representações das religiões afro-brasileiras no cinema, e, finalmente, a professora Ana Carolina Maciel estudiosa da memória do audiovisual no Brasil.

Todos esses pesquisadores se organizaram em torno do objetivo central do projeto que foi o estudo da história da memória afro-brasileira por meio de seus processos de rememoração em sons e imagens. Os nossos estudos e seus resultados podem ser divididos em três percursos: 1. Percurso conceitual: delimitação do campo de estudos sobre história da memória afro-brasileira e os conceitos operacionais para a sua consolidação: fontes de memória; o par identidade/alteridade; bricolagem da memória; 2. Memória-Arquivo: organização de uma base documental que incluiu: fontes orais, fontes sonoras, fontes visuais, fontes audiovisuais e fontes escritas; 3. Memórias em movimento: que reúne a produção videográfica sobre as performances da memória afrodescendente no Brasil e na África e os resultados do *Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil*, realizado como parte do projeto da UNESCO, “Rotas da Liberdade”.

Assim o que produzimos como resultado do projeto formam as bases para futuras pesquisas, textos analíticos que se debruçam sobre os processos históricos e textos videográficos voltados para um público mais amplo e para o seu aproveitamento dentro do ambiente escolar, com vistas fornecer subsídios para a valorização e o estudo da história e da cultura das populações afro-brasileiras em diferentes níveis de escolaridade.

### **1º Percurso - Delimitação do campo e conceitos operacionais**

Por história da memória entendemos o estudo dos suportes materiais, agentes sociais e representações sociais em torno da experiência histórica de um determinado grupo social (Meneses, 1992). Os suportes materiais são a base onde os registros da experiência foram inscritos, como também todos os resultados dos processos de rememoração produzidos, quer seja através de entrevistas de história oral, quer seja através de registros fotográficos ou audiovisuais de performances onde a memória é acionada para garantir a identidade social do grupo, ou ainda, pelo estudo do testemunho indireto sobre práticas sociais e suas representações que a documentação escrita pode oferecer. Todos esses suportes podem ser considerados, no âmbito da pesquisa sobre os usos do passado, como sendo fontes de memória.

Os agentes sociais da memória são os homens e mulheres integrantes de um grupo social que viveram no passado e cuja experiência deixou vestígios e rastros no presente, em todo o tipo de documento. São também os seus descendentes que compartilham de uma memória comum sobre esse passado e que a atualizam através de rituais e de um trabalho político de

rememoração e enquadramento do passado. As representações sociais fornecem espessura as memórias compartilhadas por meio da narrativa de experiências vividas. Entretanto, não há representações sem suportes e tampouco sem agentes sociais que as promovam por meio de uma prática social.

Portanto, ao invés de operarmos com uma noção de identidade fixa no tempo, ao relacionarmos a construção das identidades sociais aos trabalhos de memória compartilhada, devemos reconhecer que, embora o sentido da identidade remonte a uma perspectiva ancestral – nossos avós foram escravos, nossos bisavós foram africanos, nossos ancestrais trabalharam nessa terra, entre outros topos de rememoração - é no presente que ela é vivenciada e adquire sentido político e histórico – porque nossos antepassados viveram e trabalharam nessa terra nós devemos ter o acesso a sua posse; porque nossos avós foram escravos é fundamental políticas de inclusão social para que no presente se faça um outro futuro. Assim, a **identidade** é uma construção histórica sempre relativa a um grupo social em um tempo e espaço próprios.

Entretanto, se as memórias compartilhadas nos processos de rememoração relativas a um grupo étnico, servem de mote para a produção das identidades sociais, há que se avaliar o outro lado do processo. Como compreender e explicar as representações de **alteridade**, ou seja, àquelas criadas pelos demais grupos sociais sobre determinado grupo étnico? No caso em tela, há que se evidenciar que os registros visuais, sonoros e escritos produzidos sobre a população afrodescendente guardou a marca da configuração da diferença, construindo uma memória sobre o Outro por lógicas de enquadramento da sociedade branca e dominante. Tais memórias podem ser acessadas através de documentos, nos quais a experiência social do grupo étnico se inscreve pelos meios do controle social do discurso religioso, policial e médico e pelas lógicas da ciência, do exotismo e do pitoresco.

Por outro lado, o par identidade/alteridade no âmbito dos estudos sobre a memória afrodescendente se tornam mais complexos quando observamos que, as configurações culturais são dinâmicas e incorporam novas negociações entre memória dominada e dominante, num processo identificado pelo antropólogo Milton Guran, como **bricolagem da memória**. Esse processo opera pela composição de um conjunto de referências históricas que foram passadas pela tradição oral e se inscrevem no presente por meio de rituais simbólicos e comportamentos sociais – maneiras de se vestir, se alimentar e falar – que diferenciam o grupo que as aciona dos demais grupos e permitem que se identifiquem entre si. Desta forma, as

comunidades excluídas historicamente, por meio de um trabalho de memória se inserem como cidadãos com plenos direitos na própria sociedade que as tinha excluído.

Os processos de construção de identidade, delimitação dos espaços de alteridade e de bricolagem da memória se configuram como problemáticas próprias do campo da história das memórias sociais que contam com as fontes de memória para seu estudo. As fontes de memória são, portanto, registros resultantes de experiência humana específica: aquela que envolve uma trama de tempos que ligam o passado ao futuro.

A fotografia, por exemplo, é uma imagem-memória produzida por um recurso técnico que se aperfeiçoou na busca de registrar com fidelidade aquilo que um dia seria necessário relembrar. Quando integrada às temáticas históricas, a análise da imagem fotográfica implica na redefinição das etapas da pesquisa, orientando o trabalho de sistematização dos dados de forma a recuperar os caminhos pelos quais a imagem foi produzida, ganhou circulação e foi recebida e apropriada por diferentes grupos sociais. Cada tipo de fotografia possui um circuito social distinto associado, em grande medida, aos meios sociais que a produziu. Tal característica determina tanto os demais textos, que interagem com a fotografia no processo de contínuo de dar sentido ao mundo visível, quanto à forma de subverter os sentidos pela experimentação estética.

Por outro lado, a própria narrativa histórica orientada pelo uso de fontes orais, quer como fonte de dados, ou como objeto de estudo (ou como os dois ao mesmo tempo), transforma-se, inserindo no seu discurso elementos do processo de rememoração. Neste caso, reforça-se a relação entre passado e futuro como temporalidades históricas que determinam uma dialética própria ao tempo-presente. Pois se este é marcado pela precariedade de experiências fugazes, é o esforço de rememoração que garante sua permanência para posteridade.

Em ambos os casos, as fontes de memória recorrem a um complexo de intertextual para sua interpretação, pois se inscrevem no fluxo contínuo da produção de sentido social pelas sociedades históricas. Assim, o uso de fontes orais e visuais na produção do texto histórico impõe ao historiador outro desafio que, aos poucos, vai sendo enfrentado: o uso de outras linguagens para compor uma nova narrativa histórica que dê conta da dimensão intertextual estabelecida entre palavras e imagens.

## **2º Percurso Memória-Arquivo: organização de uma base documental.**

Um dos principais investimentos do projeto foi a organização da base de dados sobre história da memória afro-brasileira composta por fontes orais, visuais, audiovisuais e escritas ([www.labhoi.uff.br](http://www.labhoi.uff.br)). A organização dessa base de dados envolveu as seguintes etapas de trabalho: 1) digitalização de fotografias e documentos escritos, produção de registros audiovisuais, produção de fotografias, produção de fontes orais; 2) delimitação dos sistemas de arquivos com base na elaboração de transmissão de dados remotos para criação de backup; 3) definição dos protocolos de indexação do material para a elaboração de sistemas de busca intertextuais. O acesso a essa base é restrito a pesquisadores nacionais e internacionais mediante a sua identificação, objetivos da pesquisa e concordância com as normas de utilização das fontes sob a guarda do LABHOI, principalmente, as fontes orais e audiovisuais relativas as pesquisas de campo com comunidades afrodescendentes.

Integram a base de dados atualmente os registros audiovisuais, fotográficos e sonoros captados pelas professoras Hebe Mattos e Martha Abreu nas comunidades afro-brasileiras do Estado do Rio de Janeiro, somando um total de 300 horas de filmagem, um conjunto de fotografias e entrevistas de história oral, nos municípios de Valença, Vassouras, Piraí, Bracuí, Barra do Piraí, entre outros.

O acervo agudás, os ‘Brasileiros do Benin’ resultante de mais de 20 anos de pesquisa de campo do antropólogo e fotógrafo Milton Guran. O acervo é formado por coleções de fotografias produzidas em campo entre 1994 e 1996 e posteriormente em 2010, incluindo-se registros de celebrações, arquitetura e retratos de representantes da comunidade dos agudás; entrevistas de trajetória de vida, transcritas e em fase de tradução; e 10 horas de filmagens em vídeo sobre os rituais da burrinha, missa do Bonfim e dos falares luso-brasileiros na Costa ocidental da África.

Completa esse universo de fontes históricas os registros produzidos no âmbito do projeto **Escravidão Africana nos Arquivos Eclesiásticos-EAAE** com especial atenção para a disponibilização da transcrição de documentos, apresentação de imagens (mapas, fotografias, etc) e descrição das igrejas incluídas na documentação das coleções digitalizadas. Está incluída na proposta a identificação, transcrição e produção de textos comentados referentes a documentações eclesiásticas de outros arquivos, tais como as encontradas no Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma se pretende ampliar o acesso a essas fontes, atribuindo aos arquivos eclesiásticos não apenas a guarda destas valiosas coleções, mas

também o papel de multiplicadores e incentivadores da pesquisa sobre a escravidão africana nos arquivos eclesiásticos. Para além dos trabalhos que já vêm sendo feitos, essa documentação oferece ainda infinitas possibilidades de abordagem para o estudo da história da Igreja e da sociedade colonial e imperial brasileira.

Paralelamente investimos numa interface amigável com um público mais amplo, por meio da página do LABHOI ([www.labhoi.uff.br](http://www.labhoi.uff.br)), onde são disponibilizadas séries fotográficas, registros audiovisuais, fontes orais, ou seja, fontes de memória já tratadas para seu uso pelo público; as **Oficinas do LABHOI** que inclui material instrucional, guias de fontes e bibliografias específicas sobre os temas em estudo no núcleo; e ainda, a publicação **Primeiros Escritos** voltada para a publicização de trabalhos em andamento, notadamente, de estudantes em nível de mestrado e iniciação científica.

### 3º Percurso Memórias em movimento

#### 1. Produção videográfica do projeto

No âmbito das pesquisas do LABHOI desenvolvemos a noção de escrita videográfica. Recurso audiovisual que combina o rigor da análise historiográfica à linguagem do vídeo, com o propósito de produzir textos acessíveis a públicos diferenciados, dentre eles as comunidades que participam das nossas pesquisas. Além disso, como os nossos trabalhos buscam tratar fontes de memória de natureza visual e sonora, a escrita videográfica é aquela que dá conta perfeitamente de apresentar esses materiais com todos os seus detalhes e nuances de sentido.

Os textos videográficos possuem vários formatos, entretanto, em todos os casos o que distingue a forma de escrita videográfica são: o uso de ilha de edição digital, a transcrição digital das fontes orais e visuais, a forma de inserção do registro oral, o tempo da narrativa fílmica associado ao problema histórico tratado (processo, acontecimento, rememoração, etc.), e por fim, a trama de palavras e imagens na construção do texto historiográfico.

No âmbito do projeto *Sons e Imagens da Rememoração* além de produzir novos vídeos, organizamos as produções resultantes do projeto anterior (Humanidades Faperj 2008-2010), numa plataforma de acesso que permite tomar conhecimento do conteúdo do filme, por meio de um sumário detalhado, assistir e fazer download do filme todo – o UFFTUBE (acesso por [www.labhoi.uff.br](http://www.labhoi.uff.br)).

## 2. Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

O tráfico atlântico de escravos foi reconhecido como crime contra a humanidade pela Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, 2001 e, desde 1993, a UNESCO desenvolve o projeto Rota do Escravo – hoje renomeado “Rotas da Liberdade” - buscando quebrar o silêncio sobre a tragédia e suas conseqüências para as sociedades modernas e para as interações culturais no mundo contemporâneo.

O ano de 2011 foi declarado pela Assembleia Geral da ONU o Ano Internacional do Afrodescendente, assim, por meio da criação de uma rede de colaboração, sistematizamos um primeiro levantamento de lugares de memória ligados ao tráfico atlântico de escravos e à experiência histórica e cultural dos africanos escravizados no Brasil. Um exercício de dever de memória em relação às vítimas da tragédia e à sua herança, transmitida pelos sobreviventes e atualizada em diversas expressões de resistência pelos seus descendentes.

As justificativas das proposições assinalaram a existência de documentação histórica, tradição oral e/ou trabalhos de pesquisa histórica, antropológica ou arqueológica sobre os lugares indicados, sempre que existentes. As sugestões foram listadas somando um total de 100 lugares de memória pelo Brasil e estão disponibilizados através da página do LABHOI para conhecimento do público ([www.labhoi.uff.br](http://www.labhoi.uff.br))

Essas iniciativas inscrevem o LABHOI no cenário internacional dos estudos da História da Memória e da Cultura Afro-brasileira, ao mesmo tempo em que, promove o acesso público ao conhecimento produzido no âmbito dos projetos universitários, consagrando-se como um espaço de exercício da história pública feita para e com os seus públicos.

### Bibliografia de apoio

ABREU, M. C. (Org.) ; MATTOS, H. (Org.) . **Pelos Caminhos do jongo e do caxambu**. Niterói: UFF, NEAMI, 2009. 83p

GURAN, Milton. **Agudás: Os "brasileiros" do Benin**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ EGF - Editora Gama Filho, 2000. 296 p.

MATTOS, H. ou CASTRO, H. M. M. ; RIOS, A. M. L. . **Memórias do Cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 301p .

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes, ensaios sobre história e fotografias.** Niterói: Eduff, 2008, 261 p.

SOARES, M. C. . **Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão. Rio de Janeiro, século XVIII.** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 1. 303p .